

Pressão do Sindicato e de moradores faz Itaú recuar e manter agência em Paquetá

Preservação da única unidade bancária da localidade beneficia a população e garante emprego dos bancários

A pressão dos moradores e do movimento sindical fez com que o Itaú voltasse atrás na decisão de fechar a única agência bancária da Ilha de Paquetá. O banco informou o fato em nota enviada à imprensa, na tarde da quinta-feira passada (18), logo após a realização de mais um protesto em frente à unidade, que teve um abraço simbólico à agência.

“O Itaú Unibanco reavaliou a situação na Ilha de Paquetá e informa que manterá seu atendimento na cidade (sic), apoiando o dia a dia das pessoas e da economia local com a qualidade de sempre”, disse o banco na nota.

A mobilização contra o fechamento teve grande repercussão na mídia, revelando que o respeito do Itaú existia apenas em sua publicidade.

QUEM LUTA CONQUISTA

José Ferreira, presidente do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro comemorou. “É uma importante vitória para a comunidade de Paquetá e para a categoria bancária resultado de uma luta conjunta que teve à frente a Associação de Moradores (Morena), o Sindicato e a Federação Estadual das Trabalhadoras e Trabalhadores do Sistema Fi-



Idosa no protesto contra a decisão do Itaú de fechar a única agência bancária da Ilha de Paquetá. José Ferreira comemorou a vitória do Sindicato e da sociedade. A atividade contou com uma ‘abraço’ à agência (foto abaixo)

nanceiro (Federa-RJ). Este esforço fez com que o Itaú revise a sua posição”, afirmou.

Para o sindicalista isto mostra ser possível conter a política, não só do Itaú, mas dos bancos em geral, de fechamento cada vez maior de agências com o objetivo de cortar custos e aumentar seus lucros, forçando a migração dos clientes para os canais digitais. Esta política exclui dos serviços bancários grande parte da população, que não tem acesso à internet, ou não sabe lidar com o atendimento digital, especialmente os idosos, precisando, por isto mesmo, das agências físicas.

IDOSOS BENEFICIADOS

A presidenta da Federa-RJ, Adriana Nalesso, diretores da federação e do Sindicato também comemoraram a vitória e criticaram o banco.

“Os idosos, os mais pobres e os que não sabem ler são os mais atingidos”, explica a diretora do Sindicato do Rio e representante da COE (Comissão de Organização dos Empregados), Maria Izabel. Tomando como exemplo Paquetá, segundo o IBGE, a ilha tem o dobro da média nacional de idosos, ou seja, muitas pessoas não estão familiarizadas com as novas

tecnologias e ainda precisam de um atendimento presencial. A população brasileira tem 15,7% de idosos; em Paquetá, o índice é de 31,6%. Ainda segundo o IBGE cerca de 28,2 milhões de brasileiros não têm acesso à internet.

De acordo com a associação de moradores, Paquetá não tem banco 24 horas, lotéricas, posto avançado, nada além da agência. A medida do encerramento das atividades aconteceria por conta do processo de digitalização dos serviços bancários, mas graças à ação conjunta do movimento sindical com a sociedade, o banco decidiu manter a unidade funcionando.



Cultura é um vetor de desenvolvimento social e econômico

Sindicato destaca importância da volta de investimentos no país e anuncia prioridade no setor para a categoria no atual mandato da diretoria executiva

Após quase sete anos de cortes nos investimentos na área de cultura no Brasil, inclusive com ataques à classe artística e fake News em relação à Lei Ruanet, o atual governo retomou as ações num dos setores mais importantes para o desenvolvimento do país, a cultura. A primeira medida foi recriar o Ministério da Cultura (MinC), decisão feita em janeiro deste ano. Entidades como a Funarte (A Fundação Nacional de Artes), a Ancine (Agência Nacional do Cinema) e o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) estão recebendo apoio do governo e destravando projetos que foram suspensos na gestão anterior.

Para o movimento sindical,



Gilberto Leal, diretor do Cultural do Sindicato (D) com Vinícius Assumpção, vice-presidente da Contraf-CUT e José Ferreira, presidente do Sindicato. A cultura é também prioridade para a categoria

cultura também é prioridade.

“A cultura é um vetor fundamental para o desenvolvimento social e econômico do Brasil, gera muitos empregos e renda e fortalece a democracia discutindo

a realidade e a crise humana e civilizatória e apontando saídas na crítica e na formação da consciência política e na consolidação da memória, da identidade nacional e da emancipação popular”, ava-

lia o diretor da Secretaria de Cultura do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, Gilberto Leal.

NOVOS EVENTOS

Gilberto disse ainda que a entidade, que também trabalha nas áreas do esporte e do entretenimento, vai priorizar a cultura com eventos e atividades para a categoria no atual mandato.

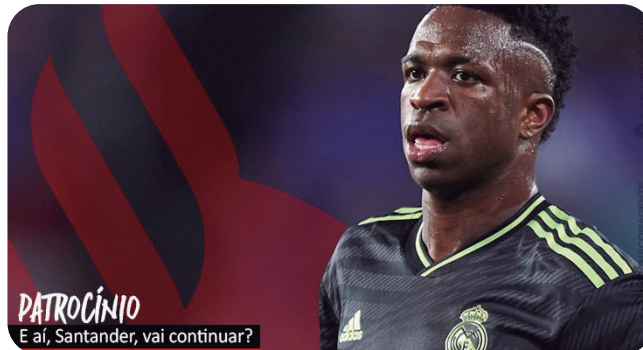
“Estamos criando projetos que foquem eventos e ações culturais para os bancários e bancárias, inclusive com a possibilidade de incentivar atividades criadas pela própria categoria”, explicou Gilberto, destacando que, em breve, o Sindicato vai anunciar as novidades nesta área.

CONTRA A DISCRIMINAÇÃO

Bancários querem que Santander corte patrocínio à Liga por racismo contra Vini Jr.

A Contraf-CUT Confederação Nacional dos Trabalhadores do Ramo Financeiro) reivindica que o Santander retire o patrocínio do Santander à La Liga espanhola, em razão dos seguidos atos de racismo direcionados ao jogador brasileiro Vinícius Jr.

“O Santander vive falando que combate à discriminação de gênero e racial em suas campanhas publicitárias. Queremos ver esta posição na prática, com o banco cortando todo o seu patrocínio à Liga Espanhola de Futebol como resposta aos ataques racistas de torcedores contra o Vinícius Jr”, afirmou a diretora do



Sindicato dos Bancários do Rio, Cleyde Magno.

O secretário de Combate ao Racismo da Contraf-CUT, Almir Aguiar, disse que o racismo no futebol espanhol é uma mancha no esporte internacional.

“Enquanto a beleza do futebol do Vinícius encanta grande parcela da torcida, outra parte

expõe sentimentos perversos através de agressões racistas”, declarou.

DEBATE NO SINDICATO

O Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro sediará um debate sobre a nova lei 14.532/2023, que altera a tipificação do crime de injúria racial, que passa a ser considera-

do como uma modalidade de racismo. O encontro será realizado na próxima sexta-feira, dia 26 de maio, às 18h, no auditório da entidade. O endereço é Avenida Presidente Vargas, 502, 21º andar. Já foram confirmados como palestrantes, Tainá de Paula, secretária municipal de Meio Ambiente do Município do Rio de Janeiro, Martvs das Chagas, secretário Nacional de Combate ao Racismo do PT, o vereador do Rio, Edson Santos (PT) e o desembargador Siro Darlan, além de Almir Aguiar. A ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco foi convidada, mas sua assessoria ainda não confirmou sua presença.

Doação de sangue

O funcionário do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, Adão José Sarpi Vieira necessita de doação de sangue de 20 voluntários para reposição. Os doadores devem comparecer ao Banco de Sangue Serum, na Avenida Ayrton Senna, 2.150, na Barra da Tijuca ou no Centro, na Avenida Marechal Floriano, 99. Em ambos os locais a coleta de sangue é feita de segunda a domingo, das 7h às 18h, inclusive feriados. O doador tem direito ao estacionamento gratuito. Mais informações pelos telefones (21) 3030-6761/99695-7470 (Barra) ou 3233-5950/99829-7417 (Centro).

BANCÁRIO

Presidente: José Ferreira Pinto – Av. Pres. Vargas, 502 /17º, 20º, 21º e 22º andares - CEP 20071-000 – Centro – Fax (Redação): (021) 2103-4112 – **Sede Campestre** - R. Mirataia, 121 - Tel: 2445-4434 (Pechincha/Jacarepagua) – **Secretaria de Imprensa** (imprensa@bancariosrio.org.br) – Vera Luiza Xavier (Banerj/Itaú), coordenador responsável **Coletivo de Imprensa:** Ronald Carvalhosa (Banerj/Itaú), José Pinheiro (Banerj/Itaú) - **Editor:** Carlos Vasconcellos - MTB 21335/RJ - **Redatores:** Carlos Vasconcellos e Olyntho Contente - **Diagramador:** Marco Scalzo - **Fotos:** Nando Neves - **Secretário de Imprensa:** Celedon Broca – Secretaria de Cultura (cultural@bancariosrio.org.br) - Tel.: 2103-4150 – Secretaria de Bancos Públicos (bancospublicos@bancariosrio.org.br) Tels.:2103-4122/4123 – Secretaria de Bancos Privados (bancosprivados@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4121/4124/4172 – Secretaria de Saúde (saude@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4110/4116/4149/4176 – Secretaria do Jurídico (juridico@bancariosrio.org.br) Tels.: 2103-4104/4125/4128/4173 – Impresso na 3 Graph - Distribuição Gratuita - Tiragem: 13.000

ASSÉDIO MORAL

Gestão do medo na Caixa ainda não acabou, denunciam empregados

Fotos: Nando Neves



Rogério Campanate: “Como se não bastasse a manutenção da cultura do assédio, temos a implementação de programas que têm impacto negativo sobre os trabalhadores”

A afirmação da presidenta da Caixa, Rita Serrano, em sua posse de que “a gestão pelo medo acabou” infelizmente não se tornou uma realidade na percepção de muitos empregados da empresa no Rio de Janeiro. O que mais tem chamado a atenção é o fato de que todas as reclamações de assédio que chegaram ao Sindicato do Rio este ano encontram-se no âmbito da VIRED (Vice-Presidência de Rede).

Existem ainda unidades em que gerentes precisam deixar seu posto de trabalho para irem ao banheiro por não conseguirem conter o choro, outras em que, em razão da pressão exacerbada, gerentes passam mal na unidade e precisam se dirigir ao hospital no meio do dia. Tudo isso em função de cobranças de resultados nos mesmos moldes daquelas que ocorriam ainda sob a gestão de Pedro Guimarães.

DESTAQUE NEGATIVO

Na área-meio a Cesav/RJ (centralizadora que atua em cobrança) se destaca negativamente, sendo a única área com registros de reclamações de gestão assediadora junto ao Sindicato. Empregados cujas atividades deixaram de existir no Rio de Janeiro com a reestruturação promovida pela gestão anterior não tiveram suas dispensas de função realizadas pelo “motivo 10”

(código de dispensa que permite que o empregado receba como se estivesse na função por alguns meses, dependendo do tempo de exercício efetivo da função - o seguro), o que, na avaliação dos sindicatos, era compatível com a postura da direção da empresa e do governo federal na época, mas é inaceitável para uma gestão comprometida com os trabalhadores.

“Ocorre que a Caixa aguardou até este ano para descomissionar empregado que era referência por 15 anos na atividade que exercia e que foi extinta no Rio de Janeiro por decisão da empresa. Uma total falta de compromisso da chefia com o trabalhador, que acabou adoecendo por ansiedade. Convém também registrar o total despreparo da chefia da unidade para lidar com casos de adoecimento psíquico: um empregado foi comunicado da dispensa de sua função e

de sua transferência para uma agência no mesmo dia que retornou de uma licença por transtorno de ansiedade”, explica o diretor do Sindicato e representante da CEE-Caixa, Rogério Campanate.

TRATAMENTO DESIGUAL

O movimento sindical admite que, agora com a nova gestão da empresa, as entidades conseguem ter um melhor acesso às áreas da matriz para tratar casos pontuais. No entanto, essa receptividade ainda não se traduziu em efetividade no combate ao assédio moral.

“Os descomissionamentos seguem ocorrendo sem que os empregados tenham sequer o ‘asseguramento’ de sua função. Em contrapartida os assediadores vendem milhares de reais em seguro ‘prestamista’ para clientes que não possuem nenhuma operação de crédito (nem mesmo che-

que especial) e nenhuma penalidade lhes é imputada. Outros respondem a processos administrativos onde vários trabalhadores se expõem para denunciar o assédio e, ao final, são apenas orientados a assinar um Termo de Ajuste de Conduta, e depois afirmam em reuniões que sua gestão está correta, já que não foram penalizados. Esperamos que a Caixa não tenha vários pesos e medidas para lidar com as pessoas. E mais ainda: espera-se que o maior peso não recaia sobre quem vive sob o chicote que já deveria ter sido abolido”, criticou Campanate.

CRÍTICAS NA NEGOCIAÇÃO

Como se não bastasse a manutenção da cultura do assédio na empresa, os sindicatos criticam também a implementação de programas que têm impacto sobre os trabalhadores sem que se promova o debate na mesa de negociação permanente como foi o PQV.

“Isso é algo inexplicável. Nesse caso cabe registrar o compromisso assumido pelo novo Vice-Presidente de Pessoas, Sérgio Mendonça, em mesa de negociação de que o diálogo será garantido e que a empresa dará respostas às demandas apresentadas pelos sindicatos, e não serão mais ignoradas como ocorreu no passado recente”, concluiu Campanate.

Confira em nosso site, as informações sobre a mesa de negociação a respeito do PQV (Programa de Qualidade de Vendas) e a que tratou da situação dos caixas, tesoureiros e avaliadores de Penhor, em que a Caixa ficou de analisar o fim da designação de “funções por minuto”: www.bancariosrio.org.br.

Bancos eliminam postos de trabalho pelo sexto mês consecutivo

Pelo sexto mês consecutivo o Setor Bancário eliminou postos de trabalho no Brasil. Apenas no mês de março de 2023 foram extintas 1.474 vagas. Este é o maior número desde novembro de 2020, sendo superado apenas pelo período em consequência da covid-19, quando foram fechadas mais de 2 mil vagas em consequência da pandemia de Covid-19. Os dados são de um levantamento do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), com base no Novo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). No primeiro trimestre de 2023, os bancos eliminaram 2.662 vagas na categoria. No mesmo período do ano passado, ocorreu a abertura de 3.160 vagas. Somente o Bradesco cortou mais de 2 mil empregos no primeiro trimestre.

O presidente do Sindicato José Ferreira criticou a demissão em massa de trabalhadores no setor financeiro privado.

“Os bancários e bancárias têm sofrido com essa onda de demissões que é fruto de uma política de digitalização dos serviços no setor e de fechamento de agências”, explicou, demonstrando preocupação com a situação das dispensas no Estado do Rio de Janeiro, que ele considera “particularmente grave”, já que apresenta a segunda maior redução de postos de trabalho no país.

“Em função desta situação gravíssima, o Sindicato tem desenvolvido campanhas de combate às demissões e ao assédio moral centrada nos três maiores bancos privados”, explicou.

Considerado o período de 12 meses, o saldo negativo de empregos no setor bancário foi de 3.166 vagas. Em todas as atividades bancárias ocorreu saldo negativo no primeiro trimestre de 2023 e no mês de



Os três maiores e mais lucrativos bancos privados do país, Itaú, Bradesco e Santander, são os que mais demitem trabalhadores no setor financeiro

março. O Dieese ressalta em seu estudo que, no resultado de março para o setor bancário, ocorreu elevado número de demissões: 39,5% superior à média de desligamentos do ano de 2022, e baixo número de contratações, 16,5% inferior à média de admissões do ano de 2022.

RENDA MÉDIA CAI

Os cortes visam reduzir custos e elevar ainda mais os lucros. As três principais instituições do sistema financeiro nacional do setor privado mais o Banco do Brasil lucraram R\$ 96,2 bilhões em 2022. O valor corresponde a uma alta nominal de 6,3% em relação ao ano anterior, quando somou R\$ 90,5 bilhões.

Já a remuneração média da categoria sofreu queda no setor. O salário médio do bancário admitido em março foi de R\$ 6.728,48, enquanto o valor médio do grupo de desligados foi de R\$ 8.063,40. O salário médio do admitido correspondeu a 83,44% do desligado.

MENOS SALÁRIOS E DIREITOS

O ramo financeiro, excluindo a categoria bancária, apresentou saldo positivo em março, com abertura de 925 postos de trabalho – ainda as-

sim, número 68,5% inferior ao registrado no mesmo mês do ano anterior. Nos últimos 12 meses, foram criados 28,5 mil postos de trabalho, uma média de criação de 2,3 mil postos por mês. As atividades financeiras que mais criaram postos em março foram: crédito cooperativo (831 vagas); holdings de instituições ‘não-financeiras’ (351); e outras sociedades de participação, exceto holdings (92).

O MAL DAS TERCEIRIZAÇÕES

Fica claro que o setor que mais teve vagas eliminadas foi a área bancária/financeira, com variação negativa de 2.092 postos de trabalho nos primeiros três meses do ano, e 1.165 em março. A área administrativa e afins eliminou no trimestre 478 vagas. O setor de tecnologia da informação, também apresentou queda nas contratações, com saldo negativo de 94 vagas. Este último, segundo o Dieese, passa por um “esgotamento das contratações”, além de ser impactado pela ampliação das terceirizações. O único saldo positivo foi no agrupamento foi o classificado como “demais”, com 147 novos postos de trabalho.

A terceirização, permitida em áreas fins desde a reforma trabalhista feita pelo governo

Temer, representa sempre uma redução média nos salários dos trabalhadores e a precarização das condições de trabalho, com corte de direitos.

NOS ESTADOS

São Paulo (745 postos), Rio de Janeiro (246), Minas Gerais (141) e Paraná (76) foram os estados que mais demitiram bancários. Apenas quatro estados das 27 unidades da federação apresentaram saldo positivo: Goiás (18 postos), Rondônia (7), Acre (4) e Sergipe (3).

O saldo foi negativo entre trabalhadores e trabalhadoras, mas na hora da admissão, o setor continua discriminando as mulheres: 11,7% a mais de homens contratados. Já nos desligamentos foi 6,1% superior entre os homens.

FAIXA ETÁRIA

Em relação à faixa etária, o saldo foi positivo apenas nas faixas até 24 anos, com ampliação de 269 vagas. Para as demais faixas, a partir de 25 anos, o fechamento foi de 1.743 vagas.

Confira em nosso site (www.bancariosrio.org.br), os dados completos da Pesquisa do Emprego Bancário feita pelo Dieese em maio deste ano.

Participe do tuitaço do Bradesco nesta quarta-feira (24), às 11h, com a hashtag #AVergonhaContinuaBradesco. A campanha é contra o fechamento de agências, demissões e pelo direito dos clientes ao atendimento presencial.